

Aleijadinho em Cristo de Lama: Uma Leitura Possível do Passado Brasileiro

Aleijadinho in Cristo de Lama: A Possible Reading of the Brazilian Past

Fernanda Aparecida Ribeiro

Pós-Doutorado em Letras pela Universidade Vale do Rio Verde

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista

Professora da Universidade Federal de Alfenas

E-mail: fer_congressos@hotmail.com

Endereço: Fernanda Aparecida Ribeiro

Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700.Sala
V107-B. Centro – Alfenas/MG. Cep. 37130-001

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

**Artigo recebido em 07/12/2017. Última versão
recebida em 20/01/2018. Aprovado em 21/01/2018.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

RESUMO

Com base nas relações entre Literatura e História, este trabalho objetiva investigar a construção ficcional do personagem Antônio Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho (1730/38-1814), no romance *Cristo de lama: romance do Aleijadinho de Vila-Rica* (1964), do autor João Felício dos Santos. Nessa óptica, chama-nos a atenção o fato de que o escritor brasileiro, no ano do golpe militar, recupera o personagem artesão como protagonista de seu livro e, assim, rememora, de certa forma, as lutas pela liberdade. Nessa perspectiva, a análise demonstra como a figura de Aleijadinho – um homem que apesar de ter uma anomalia física que dificultava seus movimentos e locomoção – é *leitmotiv* para falar de liberdade em meio a uma época de repressão, e também para apresentar uma nova interpretação do passado histórico, evidenciando, desta forma, como a literatura cumpre o papel de leitora privilegiada da história.

Palavras-chave: Literatura e História. Romance Histórico. Aleijadinho. Cristo de Lama. João Felício dos Santos.

ABSTRACT

Based on the relationship between Literature and History, this study aims to investigate the fictional construction of the character Antonio Francisco Lisboa, known as Aleijadinho (1730/38-1814), the novel *Cristo de lama: romance do Aleijadinho de Vila Rica* (1964) by João Felício dos Santos. To that end, calls us the attention that the Brazilian writer, in the year of the military coup, recovers the artisan character as the protagonist of his book and thus recalls, in a way, the struggles for freedom. In this perspective, the analysis demonstrates how the figure of Aleijadinho - a man who despite having a physical abnormality which hindered their movements and locomotion – it is *leitmotiv* to speak of freedom in the midst of a time of repression, and also to present a new interpretation of historical past, which highlights such as literature plays the role of privileged reader of history.

Key words: Literature and History. Historical Novel. Aleijadinho. Cristo de Lama. João Felício dos Santos.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva investigar a construção ficcional do personagem Antônio Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho (1730/38-1814), no romance *Cristo de lama: romance do Aleijadinho de Vila-Rica* (1964), do autor João Felício dos Santos a partir dos estudos entre Literatura e História, na segunda metade do século XX, época na qual historiadores e críticos literários evidenciaram uma maior aproximação de ambos os discursos para uma leitura do passado histórico.

A relação entre literatura e história remonta aos primórdios. Ainda na Idade Antiga, Aristóteles já assinalava, em *Arte Poética* (cf. 2004), obra que é a base da teoria da literatura do Ocidente, que ao historiador caberia narrar aquilo que aconteceu e ao literato, construir uma narrativa do que poderia ter ocorrido. Assim, para ele, a literatura estaria no campo do verossímil, demarcada em um mundo objetivo que acarreta um domínio do possível.

Conforme o professor Antônio Celso Ferreira (1996), assim como vários estudiosos sobre o tema, foi o filósofo grego que instaurou a antinomia Literatura-História a qual, com o passar dos tempos, foi se acentuando. Com o advento do Iluminismo no século XVIII, ocorreu a “separação” entre arte e ciência, resultando na disjunção literatura e história, já que essa última havia sido elevada à categoria de ciência. Contudo, no início do seu texto, Ferreira já aponta que a imaginação é inerente à Literatura e é também uma via natural na qual a História transita, como campo de discurso que utiliza os mesmos instrumentos da narrativa literária.

O historiador estadunidense White (1990) assevera que, antes do século XIX, a história era tida como arte narrativa. Com o avanço do racionalismo e chegada do Iluminismo, iniciou-se um processo de identificar a “verdade” com o fato histórico, delegando à literatura a “manifestação da possibilidade”. O autor também afirma que cada trabalho histórico necessita dos elementos que compõe a narrativa ficcional por ser essa uma forma de discurso ordenada, coerente, apresentando os eventos de modo sequencial. Ou seja, assim como os literatos fazem na ficção, os historiadores conduzem a leitura conforme a interpretação que eles possuem sobre o fato passado.

Nessa perspectiva, vários críticos do século XX, tanto do campo literário como histórico, expuseram seus questionamentos sobre essa oposição e discorreram que as narrativas das duas áreas têm a mesma essência, pois, “ambas são constituídas de material discursivo, permeado pela organização subjetiva da realidade feita por cada falante, o que

produz infinita proliferação de discursos” (ESTEVEES, 2010, p. 17). Nessa mesma vertente, encontramos o filósofo francês Ricoeur (1994) que, em *Tempo e narrativa*, também afirma que ambas são formas simbólicas, passíveis de ser narradas, pois trabalham a unidade do tempo.

Hutcheon (1991, p. 141), uma crítica literária canadense conhecida por sua obra *A Poética do Pós-Modernismo*, ao analisar romances contemporâneos que resgatam fatos históricos, congrega seus estudos naquilo que as narrações históricas e literárias têm em comum, evidenciando que ambas são:

[...] identificadas como construtos lingüísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa.

Nessa mesma esteira, a professora Pesavento (1999, p. 820) assevera que a tarefa do historiador é buscar os vestígios do passado, mas ressalta que o texto histórico é construído a partir de critérios de seleção, recorte e montagem, submetendo-se,

[...] à capacidade da imaginação criadora de construir o passado e representá-lo. Há, e sempre houve, um processo de invenção e construção de um conteúdo, o que, contudo, não implica dizer que este processo de criação seja de uma liberdade absoluta.

A autora chega a usar o termo “história-ficção controlada” para se referir ao trabalho histórico, submetido aos rigores do método durante o processo de representação do real. É o método científico o elemento que distingue a História da Literatura.

Restringindo a discussão ao contexto latino-americano, devemos ressaltar que a relação ficção e história sempre foi estreita, e os primeiros textos aqui escritos (por europeus) costumam ser estudados tanto pela historiografia, quanto pela literatura. Isso é, o vínculo entre ambos os discursos sempre foi mais evidente e, mesmo com os ideais do Iluminismo em outorgar cientificidade à História, o elo nunca foi rompido definitivamente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A partir da segunda metade do século XX houve uma proliferação de discursos híbridos entre ficção e história; uma tendência universal que tem especial relevância nas narrativas escritas por autores da América Latina, proporcionado (re)leituras críticas do

passado histórico, especialmente por meio de um gênero narrativo – o romance histórico – que havia surgido no começo do século XIX, na Europa, e ganhou notoriedade entre o público leitor ocidental.

O escritor escocês Scott (1771-1832) foi o idealizador do romance histórico, narrativa na qual a história aparece retratada como um processo contínuo e coletivo, gerando diferentes formas de representação da experiência histórica. Os países latino-americanos passavam, nesse momento, pelo processo de sua independência e o gênero literário cultivado por Scott e teorizado pela primeira vez por Lukács (1936-1937) também teve sua ressonância na literatura das novas nações.

Para Lukács (1977), Scott estabelece um paradigma para o romance histórico – ao qual ele denomina “clássico”: a) a história é resgatada pelo enredo como um “telão de fundo”; é a ambientação da narrativa e seu tema principal, do qual não se pode desvincular-se; b) os personagens históricos conhecidos ficam em segundo plano, ajudando a compor o enredo e ambientação histórica, e os personagens ficcionais, principalmente o que Lukács classifica de herói mediano, ocupam o primeiro plano, conduzindo a trama ficcional; c) no desenrolar da trama, aparece uma história de amor entre os protagonistas do romance, que pode ou não ter final feliz.

O mesmo estudioso destaca em sua pesquisa que, ao longo do século XIX, vários escritores (como Victor Hugo, Gustave Flaubert e León Tolstói) traçaram uma ou outra modificação no esquema do romance histórico clássico; assim, podemos perceber que as mudanças abrem espaço para sua evolução da narrativa. Esteves (2010, p. 34) declara que a ficção é afetada todas as vezes que se muda a concepção de literatura, de história e da relação delas com a sociedade. O professor revela também que, no início do século XX, as vanguardas e o entendimento de discurso histórico deram outra feição ao romance histórico.

Por isso, a partir da segunda metade do século XX, esse gênero literário na América ganha uma nova dimensão e outras características, pois passou por uma importante renovação conceitual, adotando uma posição crítica e de resistência frente ao discurso histórico hegemônico, propondo revisões e reescrituras do passado histórico – algo que não ocorria no modelo clássico. Relatos fundadores de nacionalidades são problematizados, assim como são incorporadas as vozes dos que estiveram à margem do discurso histórico hegemônico: os subalternos de classes sociais e/ou de gênero sexual, assim como as etnias vencidas.

Há uma vasta pesquisa e numerosos estudos sobre o romance histórico latino-americano, especialmente após a década de setenta, quando o gênero ganha características que se distinguem do modelo do século anterior. Críticos como Echevarría *et al.* (1984) discutem

e teorizam as diferenças do romance histórico clássico para o romance histórico contemporâneo.

Muitas são as características que os críticos levantam sobre o gênero – como a metaficção, a releitura crítica, a supressão da distância histórica, a paródia, a sobreposição de tempos, etc. – porém, acredita-se que uma das principais seja aquela que Perkowska (2008, p. 42) aponta na introdução de seu livro, *Historias híbridas*:

[...] los novelistas dibujan un nuevo mapa para el concepto de la historia y su discurso. Vista desde esta perspectiva, la novela histórica latinoamericana no cancela la historia sino que redefine el espacio declarado como “histórico” por la tradición, la convención y el poder, postulando y configurando en su lugar las historias híbridas que tratan de imaginar otros tiempos, otras posibilidades, otras historias y discursos.

Esse talvez seja o cerne do romance histórico contemporâneo na América Latina: elucidar a sua relação com a historiografia, não com o objetivo de rescindir o discurso da história, mas sim de recolocá-lo em um espaço novo, em que se permitem diversos tempos, várias versões e outras linguagens que indicam novas interpretações do passado.

Dentro desse contexto, encontramos o livro *Cristo de Lama: romance do Aleijadinho de Vila Rica* (1964), do escritor João Felício dos Santos (1911-1989), como romance histórico escrito na América Latina que resgata a figura histórica de Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho (1730/38-1814), famoso escultor e arquiteto de Minas Gerais, cujas obras são encontradas, principalmente, em Ouro Preto e Congonhas.

Apesar de seu talento e de suas obras, Aleijadinho foi uma personalidade marginalizada pela sociedade brasileira por causa de sua condição social/racial pois, conforme descreve Oliveira (2002, p. 19): “Nasceu bastardo e escravo, pois ‘filho natural’ do arquiteto português Manoel Francisco Lisboa e de uma de suas escravas africanas”. Além dessa condição, foi acometido, aos quarenta anos, por uma enfermidade que o deixou deformado – daí o seu apelido. Por algumas vezes, foi impedido de assinar suas obras, porque a sociedade da época não aceitava que um mulato produzisse arte.

São várias as pesquisas sobre suas obras, cuja importância e reconhecimento vieram após a sua morte. A primeira biografia feita sobre Aleijadinho é de 1858, escrita por Rodrigo Ferreira Bretas, um jurista de Ouro Preto. Contudo, poucos são os documentos que se tem sobre Aleijadinho – uns recibos assinados – e ainda existem pesquisas que questionam a paternidade e a enfermidade atribuídas ao personagem (GRAMMONT, 2008).

Nessas circunstâncias, chama-nos a atenção o fato de que o escritor brasileiro, no ano em que há um golpe de Estado no país, recupera o personagem artesão como protagonista de seu livro e, com sua história, rememora, de certa forma, as discussões pela liberdade, exemplificadas nas falas do protagonista ao longo da trama. Assim, é possível delinear uma hipótese de que o autor se utilizou da figura de Aleijadinho – um homem com uma anomalia física que dificultava seus movimentos e locomoção – para falar de liberdade em meio a uma época de contrariedade, a fim de mostrar que, mesmo em meio a adversidades várias, é possível lutar por um mundo melhor e mais belo. Vale ressaltar que a nossa pesquisa não tem como foco constatar quais foram os fatos verídicos sobre Aleijadinho, mas sim, descortinar como a literatura recupera os fatos históricos para discutir o passado e principalmente o presente.

3 RESULTADO E DISCUSSÕES

3.1 Análise da Obra Literária

Nas primeiras páginas do romance, o narrador, onisciente, descreve a história da cidade de Vila Rica (que futuramente viria a ser chamada de Ouro Preto), com a chegada dos bandeirantes de Taubaté, o relato da Guerra dos Emboabas até chegar à história do protagonista, filho do arquiteto português Manuel Francisco e de uma escrava alforriada, Isabel. Antônio Francisco Lisboa foi o nome da criança que na vida adulta seria conhecido por suas imagens religiosas e por seu apelido: Aleijadinho.

O narrador continua descrevendo a história da cidade enquanto relata as peripécias de seu personagem, destacando o papel que Helena, sua madrinha, exerce sobre ele. A mulher é retratada com suas qualidades físicas – “bonita nos gestos dos brancos, no rude dos homens, no cio dos negros, na fome do sexo, no gozo dos peitos, era a fazedora de mirongas para povo sofrido” – e também laboriosas: “fazia puçangas, cozia xaropes, fervia seus chás, seu mel, suas folhas e flor-de-coqueiro para dar machidão, seus sangues de bode e mijo de morcegos, para esse pra aquele; a sorte nas cartas dizia” (SANTOS, 2014, p. 33).

É Helena quem faz a profecia de como será o seu afilhado na vida adulta: “Este não vai se afundar nas aventuras do Destino, não! Meu afilhado há de ser homem de mais consideração ainda do que o pai! [...] Se o arquiteto, comadre, riscou a nova Matriz da Conceição, este vai fazer coisa de maior valia” (SANTOS, 2014, p. 34). É ela também,

Helena, quem nomeia, pela primeira vez, o protagonista de *Aleijadinho*, como uma forma carinhosa e materna.

Helena é uma personagem feminina multifacetada, uma combinação de anjo e demônio, seja em suas características físicas ou em seus dons medicinais. Esse retrato múltiplo da mulher dialoga com a Crítica Literária Feminista que desponta nos Estados Unidos em meados de 1970. Segundo Zolin (2005), esse movimento literário surge entre outros, com o objetivo de anular a representação da mulher dentro de três estereótipos culturais básicos dentro do patriarcado: a mulher sedutora, a mulher megera e a mulher-anjo.

Os dois primeiros trazem uma conotação negativa da imagem feminina que, segundo as concepções do patriarcalismo, deveria ser rechaçado por qualquer mulher, e o último reafirma uma visão positiva, que deveria ser seguido pelas mulheres da sociedade.

Dessa forma, a Crítica Feminista assume o papel de desmascarar a opressão feminina frente à ideologia patriarcal e à literatura canônica. Contudo, tal representação da mulher não acontece, em geral, com as obras de Felício dos Santos, conforme comenta Ribeiro (2011, p. 160) sobre o livro *A Guerrilheira*:

[...] os autores canônicos representam a figura feminina como mulher sedutora, mulher megera ou mulher-anjo. O romance de João Felício dos Santos, contudo, não perpetua boa parte dos valores tradicionalmente presentes nas obras canônicas de autoria masculina que reproduzem as personagens femininas de modo bastante esquemático e estereotipado.

Apesar de se referir ao livro que tem como protagonista Anita Garibaldi, a afirmação anterior é também válida para a personagem Helena, de *Cristo de Lama*: uma personagem que divide opiniões dentro do texto e que é a inspiração de *Aleijadinho* para sua carreira de artista, sempre lhe dando incentivo e proteção.

A linguagem adotada por Santos na narrativa ressalta a rotina dos habitantes de Vila Rica e o suplício de *Aleijadinho* com sua doença e sua vontade de esculpir os profetas. A descrição física do protagonista, logo no início da narrativa, é um exemplo da coloquialidade da narração:

[...] pernas finas e arqueadas equilibravam penosamente um tronco atarracado, sem prumo, oculto numa capa larga de largos panos. O pescoço de boi velho amparava, com a mesma dificuldade, cabeçorra mulata e uma fortíssima como derramava-se, sem limites definidos, por sobre barba curta, mas intrincada como um carrascal. (SANTOS, 2014, p. 05).

A descrição anterior revela um personagem humano, individualizado, que está longe do ideal heroico. Se, para a Teoria da Literatura, o herói “é o protagonista com características superiores às de seu grupo”, o anti-herói passa a ser “protagonista que tem características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que, por algum motivo, está na posição de herói, só que sem competência para tanto” (GANCHO, 2006, p.18). No caso de Aleijadinho de *Cristo de Lama*, não se pode compará-lo ao conceito de herói das epopeias, porque ele não é um modelo, uma pessoa da alta estirpe social, que nasce com um grande valor moral e o repassa ao seu povo, mas também não é um anti-herói que não se preocupa com os meios que utiliza para atingir seu objetivo. Novamente, o autor não constrói seu personagem dentro de uma ou outra qualificação; ao contrário, ele esclarece que o “herói” de seu livro é um ser humano como qualquer outro, com suas qualidades e imperfeições.

No caso de Aleijadinho, o seu aspecto físico, a cor de sua pele e, posteriormente, a sua doença fazem com que seu exterior leve o leitor a pensar em ele seja um anti-herói, um personagem que não tem condições de ser sublime ou de fazer algo extraordinário. No entanto, na proporção que a sua doença física avança, o seu lado artístico vai se aprimorando cada vez mais, até chegar ao patamar do sublime, do contemplativo.

Assim, o Aleijadinho de João Felício dos Santos será um herói médio, típico do romance histórico que Lukács (1977) caracteriza em seu texto: como a maioria das narrativas históricas, trata-se de personagens ficcionais médias, ou seja, um homem (mulher) comum, do povo, que se sobressai na história em meio às diversidades e intrincadas relações sociais, reunindo lados marcantes, positivos e negativos.

No início do romance, ao apresentar a mocidade do personagem, ele é retratado como um homem alegre e que encantava as mulheres com sortilégios de música e bebida – elementos que se associam ao profano (e que vão se contrastar, ao desenrolar da narrativa, com as imagens sagradas feitas pelo protagonista):

[...] mulato Antoninho, com seus desengonçados dezessete anos, era bem apreciado por todas as raparigas da redondeza, porque era alegre, falador, fazia sortes, cantava modinhas, tocava viola, dizia versos, dançava batuque e bebia pinga noites seguidas, enchendo qualquer recanto com mil habilidades (SANTOS, 2014, p. 51-52).

Aos dezoito anos, Aleijadinho inicia seus estudos de arte com o mestre João Gomes e começa a modelar suas primeiras imagens sacras e a questionar as dores que sente: “Depois, por que, com tamanha temperança, não aperfeiçoava das dores? Das mãos, volta e meia comidas de úmidos e desagradáveis eczemas? Por que não sarava dos pés, sempre mais tortos, mais atrofiados [...]?” (SANTOS, 2014, p.80). E na medida que as dores e a doença avançam,

fazendo com que ele perca os dedos dos pés e das mãos, tendo que ser carregado e ter as ferramentas amarradas no punho, o protagonista vai aprimorando sua arte, especialmente as esculturas em pedra sabão, e realizando trabalhos cada vez mais com perícia e riqueza de particularidades extraordinárias.

Segundo as biografias do personagem histórico, a doença degenerativa que ele tinha aparece depois dos 40 anos; por isso, a afirmação anterior vai de encontro com a história, já que o romance opta por dizer que a enfermidade dá seus primeiros sinais ainda na juventude do herói. Contudo, o autor João Felício dos Santos não quer escrever uma mentira, mas sim, construir uma narrativa no qual se evidencia o sofrimento do personagem em comparação com a beleza de sua arte.

Uma das obras relatadas no romance é justamente a escultura de Cristo, feito de lama, que o personagem contribuiu ao final de sua vida – e que dá nome ao livro. Ela é o símbolo da união do elemento sagrado, da representação máxima do Catolicismo, com um elemento material, a terra e a água. Segundo o *Dicionário de Símbolos*, a lama tem uma significação muito especial:

Símbolo da matéria primordial e fecunda, da qual o homem, em especial, foi tirado, segundo a tradição bíblica. [...] une o princípio receptivo e matriarcal (a terra) ao princípio dinâmico da mutação e das transformações (a água). Todavia, se tomarmos a terra como ponto de partida, a lama passará a simbolizar o nascimento de uma evolução, a terra que se agita, que fermenta, que se torna plástica. Mas se, ao contrário, considerarmos como ponto de partida a água com sua pureza original, a lama se apresenta como um processo involutivo, um início de degradação. [...] passa a ser identificada com a escória da sociedade (e com seu meio ambiente), com a rale, ou seja, com os níveis inferiores do ser: uma água contaminada, corrompida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 533-534).

No livro de João Felício dos Santos, o protagonista reúne em si o elemento de evolução e degradação ao mesmo tempo: enquanto seu físico – que representa o exterior, a parte deteriorada e finita do ser humano – caminha para a decomposição e desaparecimento total, a sua arte – a representação do belo, do sublime, do eterno – permanecerá para as gerações futuras, levando as pessoas a contemplarem o sagrado (SANTOS, 2014).

Sobre uma de suas obras mais conhecidas e belas – os doze profetas no Santuário de Bom Jesus de Matosinho, em Congonhas – a ficção apresenta uma leitura de sua gênese: em 1757, Aleijadinho já teria vários esboços de imagens, mas seu grande desejo era esculpir os doze profetas, todos eles “erguidos muito alto, muito longe, num descampado ermo onde só o vento pudesse cantar entre velhas casuaris [...] Um lugar onde houvesse um planalto... serras

em volta... penhas funestas...” (SANTOS, 2014, p. 90). Esse seu sonho só será possível ao final de sua vida, quando seu corpo já está deformado e sua arte aprimorada.

Enquanto não chegava a oportunidade para realizar a sua obra máxima, Aleijadinho, ainda jovem, acompanhava seu pai nos trabalhos das Igrejas. Um dia, ao ver o pai trabalhando na arquitetura de uma capela, o personagem refletiu: “É bonito um homem que pode realizar o que idealiza! Bonito e livre! Um, que não tenha liberdade, poderá fazer isso? Até um escravo pode, desde que seja livre por dentro... Criação é liberdade. É a única liberdade! É mesmo!” (SANTOS, 2014, p. 55). Mas nessa época ele já começava a sentir as primeiras câibras nos pés, ainda sem saber que se tratava de uma doença que lhe levaria a ser um aleijado.

É interessante notar aqui que o autor utiliza a voz do seu personagem para falar de liberdade em um momento muito crítico para a História do Brasil. O ano de 1964, ano de publicação do romance, é marcado pelo golpe militar e a instauração da ditadura no país. E Felício dos Santos se vale da ficção para falar de vários tipos de liberdade. Primeiramente, o pai de Aleijadinho, Manuel Francisco expõe sua visão de liberdade:

Liberdade é o não seres nenhum negro cativo. É teres trabalho sempre à mão e quanto haja! É saúde e que uma chuva não o derrube com mil constipações e defluxos! [...] É poderes comer bem... beber melhor...dormir de um sono só a noite inteira, mijar com abundância e disposição... (SANTOS, 2014, p. 103-104).

Aqui o personagem relata o que seria liberdade, digamos, “exterior”, como está expresso no primeiro significado da palavra no *Dicionário Aurélio*: a pessoa ter direito a proceder como lhe convém, sem restrição. Esse seria a primeira crítica do autor do romance, frente ao contexto político social que vivia na época em que publicou o livro. Contudo, o autor não se atém apenas nessa acepção primeira, expandindo o conceito para um sentido mais profundo e menos visível, utilizando a voz do seu protagonista:

Escravidão é a do homem branco, principalmente quando precisa apenas viver para fazer os filhos viverem. Escravidão ainda maior é a dos tímidos que se dizem livres nesta terra. Livres, com efeito, mas infinitamente sujeitos a uma opinião pública cheia de tirania [...] Homens livres que nem direito têm de remar contra a maré d’El Rei, de discordar de um simples edital, ainda que a ordem seja para lhes extorquir as almas. (SANTOS, 2014, 104-p. 105).

Nessa perspectiva, o romance leva seu leitor a refletir sobre sua vivência no mundo atual, no qual já não há mais a escravidão (dos negros), mas onde impera outros meios de silenciamento e proibição de se manifestar, de opinar. Talvez seja essa a pior escravidão, pois

muitas vezes a pessoa não percebe seu aprisionamento e, por isso, não há reivindicação de liberdade.

Historicamente, Aleijadinho viveu durante a Inconfidência Mineira (1789), mas não participou dela, até porque sua condição de mulato, filho de escrava, o deixava fora do contexto político da época. No romance *Cristo de lama*, o autor aproveita o fato para fazer o seu personagem expressar sobre liberdade, quando conversa com o amigo Mesquitana:

Acredita vosmecê que a nação ficará melhor uma vez livre dessa praga de mandões portugueses? E, quando a Pátria ficar livre dos ladrões europeus, não cairá fatalmente nas garras do explorador nativo [...] Liberdade, Mesquitana, é trem muito subjetivo: não há liberdade individual, nem de homem nem de nação, desde que haja misérias coletivas. [...] O que é preciso, mas preciso mesmo, é que todos tenham educação e saúde para terem as mesmas oportunidades. Mas essas coisas só serão dadas ao povo pelo próprio povo [...]. (SANTOS, 2014, p. 159-160).

É possível perceber, pelas falas citadas de Aleijadinho, que o autor tem a intenção de trazer a reflexão, para o seu leitor, sobre o que é liberdade e quais as maneiras como uma pessoa pode ser aprisionada. Não poder expressar a sua opinião ou ter que obedecer a um governante/soberano sem contestar também são formas de escravidão, assim como foram os negros trazidos ao Brasil para trabalhar nas minas. Se esses últimos tinham o seu exterior aprisionado, os demais têm a mente escravizadas por uma ideologia dominadora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando aparece o tema da Inconfidência Mineira no romance de João Felício dos Santos, a discussão sobre liberdade se alarga. Todavia, o problema, na época de Aleijadinho (e no tempo em que o autor escreveu e supostamente até nos dias atuais), não é o simples fato de libertar-se de um governo opressor, de derrubar um soberano e colocar outra pessoa em seu lugar, mas sim propiciar a toda população condições de bens incompreensíveis, como saúde, educação e o acesso à literatura (CANDIDO, 2004).

E, segundo o personagem Aleijadinho, em uma fala citada anteriormente, somente a população brasileira pode dar a ela mesma essas condições. Não é preciso ter um “herói” individual para conseguir a emancipação da sociedade brasileira frente a tantos casos de restrição. É a união do povo, independentemente de raça ou classe social, que levará o Brasil a ser um país autônomo. Dessa maneira, João Felício dos Santos se apropria de uma figura

marginal na história do Brasil para dar voz aos oprimidos e, possivelmente, a sua própria voz ao proclamar a liberdade do povo brasileiro.

À vista disso, podemos dizer que *Cristo de Lama* é um romance histórico contemporâneo, porque é um leitor privilegiado do passado e porque ilustra um novo diálogo com a história, no sentido de propiciar novas possibilidades de discursos, tanto para o passado como para o presente da História do Brasil. O livro de Felício dos Santos também se posiciona de maneira crítica frente ao discurso histórico, ao trazer à tona um personagem que esteve à margem da História do Brasil para recriar o passado e rediscutir questões ligadas à identidade brasileira, especialmente o que se refere à liberdade e todos os seus liames. E a sua narrativa não quer suplantar o discurso histórico, ao contrário, ela permite outros temas e interpretações que auxiliam na compreensão do passado e levam o leitor a refletir sobre o seu presente.

REFERÊNCIAS

- AINSA, F. La nueva novela histórica latinoamericana. **Plural**. México, 240, p.82-85, 1991.
- AINSA, F. **Invención literaria y ‘reconstrucción’ histórica en la nueva narrativa latinoamericana**. In: KOHUT, KARL (Ed.) La invención del pasado. La novela histórica en el marco de la postmodernidad. Frankfurt; Madrid: Veveuert, 1997.
- AINSA, F. **Reescribir el pasado**. Historia y Ficción en América Latina. Caracas: Celarg, 2003.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- CANDIDO, A. O Direito à Literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p.169-191.
- CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 21. ed. Tradução: Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- CUNHA, G. **La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas**. Buenos Aires: Corregidor, 2004.
- DICIONÁRIO DO AURÉLIO. Liberdade. Retirado de <https://dicionariodoaurelio.com/liberdade> Acesso em 05 out. 2016.
- ELMORE, P. **La fábrica de la memoria**. La crisis de la representación en la novela histórica latinoamericana. Lima: FCE, 1997.

ESTEVEES, A. R. **O novo romance histórico brasileiro**. In: ANTUNES, Letizia Zini. (Org.) *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência; Assis, SP: Curso de Pós-Graduação em Letras da FCL/UNESP, 1998, p. 122-158.

ESTEVEES, A. R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FERNÁNDEZ PIETRO, C. **Historia y novela: poética de la novela histórica**. Barañáin: EUNSA, 1998.

FERNÁNDEZ PRIETO, C. El anacronismo: Formas y funciones. **Actas do Colóquio Internacional Literatura e História**. Porto: Faculdade de Letras do Porto, vol. I, 2004, p. 247-257.

FERNÁNDEZ PRIETO, C. Novela, historia y postmodernidad. **Actas del Congreso Literatura e Historia (20-22/X/2004)**. Jérez de la Frontera: Fundación Caballero Bonald, 2004. p. 89-104.

FERREIRA, A. C. **História e Literatura: fronteiras móveis e desafios disciplinares**. *Pós-história*. V.4, Assis: UNESP, 1996, p. 23-44.

FRANÇA, J; SANTOS, J. F. **Cristo de lama: romance do Aleijadinho de Vila Rica**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GRAMMONT, G. **Aleijadinho e o aeroplano – O paraíso Barroco e a construção do herói colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, R. **Historia e ficción en la narrativa hispanoamericana: Coloquio de Yale**. Caracas: Monte Ávila, 1984.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LUKÁCS, G. **La novela histórica**. Trad. Jasmim Reuter. 3.ed. México: Era, 1977.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, A. **Historia y ficción en la novela venezolana**. Caracas: Monte Ávila, 1991.

MENTON, S. **La nueva novela histórica de la América Latina, 1949-1992**. México: FCE, 1993.

OLIVEIRA, M. A. R. **Aleijadinho: Passos e Profetas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

PERKOWSKA, M. **Historias híbridas: la nueva novela histórica latinoamericana (1985-2000) ante las teorías posmodernas de la historia**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2008.

PESAVENTO, S. J. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. *Anais do XX Simpósio Nacional de História – ANPHU*. Florianópolis, 1999. p. 819-831.

PONS, M. C. **Memorias del olvido**. La novela histórica de fines del siglo XX. Madrid: Siglo Veintiuno, 1996.

PONS, M. C. El secreto de la historia y el regreso de la novela histórica. In: JITRIK, Noé (Org.). **Historia crítica de la literatura argentina**: la narración gana partida. V.11. Buenos Aires: Emecé, 2000. p. 97-115.

RIBEIRO, F. A. **Anita Garibaldi coberta por histórias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, J. F. **Cristo de lama**: romance do Aleijadinho de Vila Rica. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

SOUZA, R. **La historia en la novela hispanoamericana moderna**. Bogotá: Tercer Mundo, 1988.

TROUCHE, A. L. **América: história e ficção**. Niterói: EDUFF, 2006.

WEINHARDT, M. **Considerações sobre o romance histórico**. Letras, Curitiba, n. 43, 1994, p. 49-59.

WEINHARDT, M. Quando a história literária vira ficção. In: ANTELLO, Raul *et al.* (Org.) **Declínio da arte**: ascensão da cultura. Florianópolis: ABRALIC; Letras Contemporaneas, 1998.

WEINHARDT, M. **Ficção histórica e regionalismo**. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

WHITE, H. **Meta história**: a imaginação histórica no século XIX. Trad. José L. de Melo. São Paulo: Edusp, 1990.

ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 181-203.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

RIBEIRO, F. A. Aleijadinho em Cristo de Lama: uma Leitura Possível do Passado Brasileiro. **Rev. FSA**, Teresina, v. 15, n. 2, art. 7, p. 125-140, mar./abr. 2018.

Contribuição dos Autores	F. A. Ribeiro
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X